

# A PERSUASÃO NA ESFERA PÚBLICA E A ARGUMENTAÇÃO DA SOCIEDADE CIDADÃ

*PERSUASION IN THE PUBLIC  
SPHERE AND THE ARGUMENTS OF  
THE CITIZEN SOCIETY*

Marcelo Módolo

[marcelomodolo2@gmail.com](mailto:marcelomodolo2@gmail.com)

Pós-doutor em linguística histórica e semântica cognitiva e professor de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (USP)

Alfredo Vital Oliveira

[alfredovital8@gmail.com](mailto:alfredovital8@gmail.com)

Mestrando em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP)

DOI: [dx.doi.org/10.21882/ruc.v5i9.702](https://doi.org/10.21882/ruc.v5i9.702)

Recebido em: 17/09/2017

Aceito em: 20/11/2017

1

## RESUMO

Este artigo objetiva analisar três textos argumentativos sobre a reestruturação da rede de ensino público do Estado de São Paulo nos quais as personagens antagonônicas (políticos, gestores públicos, professores, pais, alunos) proferiram argumentos muito diferentes ou mesmo contrários entre si quando avaliaram as causas e os efeitos das medidas administrativas propostas pelo governo estadual paulista em 2016. Para empreender essa análise, de natureza qualitativa, recorre-se às estratégias argumentativas, propostas por Perelman e Olbrechts-Tyteca, mormente sobre a dissociação de noções, que foi um recurso argumentativo muito eficiente e eficaz no desdobramento deste tema polêmico.

**Palavras-chave:** Educação. Retórica. Perelman. Dissociação de ideias. Argumentação.

## ABSTRACT

*This article analyzes three argumentative texts — about the restructuring of the public education network of the State of São Paulo — in which the antagonistic characters (politicians, public administrators, teachers, parents, students) utter very different or even contrary arguments when evaluating the causes and the effects of the administrative measures proposed by the State Government of São Paulo in 2016. We use the argumentative strategies proposed by Perelman and Olbrechts-Tyteca to undertake this qualitative analysis, especially on the dissociation of notions that was an argumentative resource very efficient and effective in the unfolding of this controversial theme.*

**Keywords:** Education. Rhetoric. Perelman. Dissociation of ideas. Argumentation.

## Introdução

Um dos principais objetivos da argumentação é aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento, ou seja, criar uma disposição para ação. Nesse sentido, a sociedade atual é invadida pela retórica, pois sua atuação é decisiva em muitos campos da vida cotidiana como a mídia, a publicidade, a política, a filosofia, o direito, a literatura, a conversa cotidiana e as ideologias.

Na Antiguidade, Aristóteles concebia a retórica para sustentar argumentações explícitas e, por isso, ela refletia uma verdadeira forma de racionalidade. Julgava ainda importante o conhecimento da retórica por ela possibilitar a estruturação e a exposição de argumentos e, assim, relacionar-se, de modo direto, com a vida pública. Assim, a retórica firmava-se como a arte de procurar, em qualquer situação, o meio de persuasão disponível. Finalmente, a retórica é um recurso indispensável para um mundo de incertezas e de conflitos ideológicos.

Fundamentado na concepção aristotélica da retórica — como a arte de procurar, em qualquer situação, os meios de persuasão disponíveis — no século XX, Chaïm Perelman afirma “que o objeto da retórica é o estudo das técnicas discursivas que visam a provocar ou a aumentar a adesão das mentes às teses apresentadas a seu assentimento”. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 4)

Igualmente, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 50) discorrem sobre a seleção de dados e sobre a presença de argu-

mentos, pois, para cada auditório, existe um con-

junto de pautas admitidas que tem a possibilidade de influenciar as reações desse auditório; portanto, as escolhas do orador devem ser minuciosas e atuar na sensibilidade desses ouvintes.

Já a interpretação dos dados, segundo os autores, tem que proporcionar um só sentido e não ser ambígua (só quando esse dúbio posicionamento é a intenção do orador). Ainda Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 142) dizem que “a linguagem não é somente meio de comunicação, é também instrumento de ação sobre as mentes, um meio de persuasão”.

Nessa esteira, este artigo visa a analisar os argumentos que se apresentam no discurso, elaborado por diversos oradores a respeito de um tema polêmico. A fim de ilustrar esse estudo, o *corpus* selecionado compõe-se de três discursos (Anexo A, B e C) sobre o dilema da reestruturação da rede de ensino público em ciclos, a partir de 2016, no Estado de São Paulo.

## Fundamentação Teórica

Inicialmente, apresentamos o conceito de “dilema”, haja vista analisarmos três textos argumentativos sobre um tema que causou enorme dilema na sociedade paulista: a reestruturação da rede de ensino público do Estado de São Paulo em que as personagens antagônicas (políticos, gestores públicos, professores, pais, alunos) proferiram argumentos muito diferentes ou mesmo contrários entre si, quando avaliavam as causas e os efeitos das medidas administrativas a serem efetivadas pelo governo estadual paulista em 2016.

Ainda apresentamos os conceitos básicos sobre as estratégias argumentativas, propostas por Perelman e Olbrechts-Tyteca, mormente sobre a dissociação de noções, que é o objeto de análise nos textos selecionados que trataram da decisão de alteração ou de manutenção da estrutura administrativa no ensino público do governo bandeirante.

Conforme o “Dicionário de filosofia” de Hilton Japiassu e Danilo Marcondes, “dilema” é conceituado da seguinte forma:

*dilema (gr. dilemma, de di: duas vezes, e lemma: princípio, premissa) 1. Forma de alternativa da qual, dos dois membros aceitos como premissas ou princípios, só podemos tirar uma consequência. Ex.: o dilema de Aristóteles: ou devemos filosofar, ou não devemos filosofar; ora, para sabermos se devemos filosofar, precisamos filosofar; e, para sabermos se não devemos filosofar, precisamos ainda filosofar; conclusão: devemos filosofar. 2. Situação embaraçosa em que nos encontramos, devendo escolher necessariamente entre dois partidos ou pontos de vista rejeitáveis caso não fôssemos obrigados a escolher. Ex.: o dilema do cirurgião diante da situação de ter que sacrificar a mãe ou o filho no momento do parto; não podendo salvar ambos, precisa optar.*

Assim, um dilema é um argumento que é formado por duas proposições contrárias e disjuntivas, pois, quando se concede ou nega qualquer uma destas duas proposições, fica demonstrado aquilo que se queria provar.

Outro modo de conceituar-se dilema, como ocorre na linguagem do dia a dia, é quando se compreende que dilema é qualquer problema que se possa resolver por meio de duas soluções, mas em que nenhu-

ma das duas é completamente aceitável ou, caso contrário, em que as duas sejam igualmente aceitáveis. Noutros termos, ao escolher uma das opções, a pessoa não fica totalmente satisfeita.

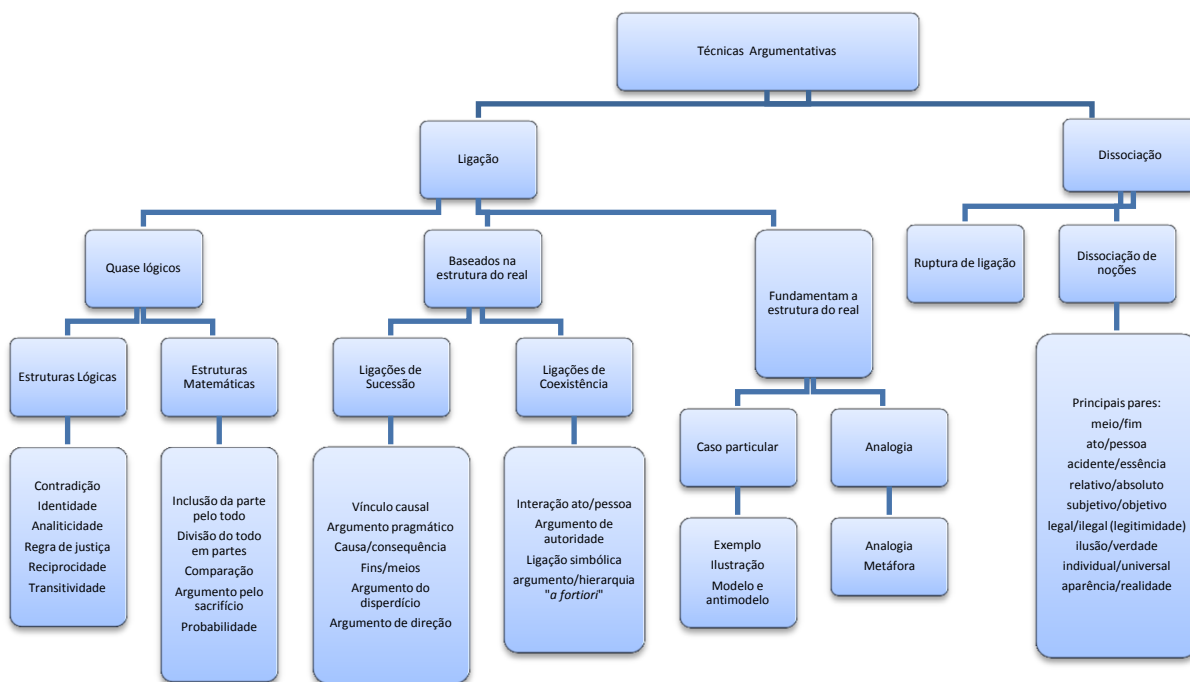
Um dilema coloca um indivíduo numa situação de dúvida, debatendo-se entre duas alternativas. O dilema pode surgir por diversas questões profissionais, morais, políticas. Nesse sentido, é frequente que a pessoa se debata entre uma opção “correta” (aquilo que é suposto fazer) e uma opção “sentimental” (aquilo que sente que quer fazer).

Perelman e Olbrechts-Tyteca, em seu Tratado da argumentação, dizem que os argumentos se classificam em dois tipos:

*os que se valem dos processos de ligação e os que os servem de processos de dissociação. Aqueles aproximam elementos distintos, estabelecendo entre eles uma relação de solidariedade; estes separam, dissociam, desunem elementos de um todo ou um conjunto solidário num sistema teórico. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 215)*

Os processos ou esquemas de ligação estão na base da construção de três diferentes tipos de argumentos: os quase lógicos, os que se fundamentam na estrutura do real e os que fundam a estrutura do real.

**Figura 1 – Classificação das técnicas argumentativas**



Fonte: Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2005.

Os argumentos por dissociação separam ideias que aparecem em pares hierarquizados (aparência e realidade, essência e aparência, letra e espírito, figurado e literal) e mostram que não há ligação entre os conceitos ou que eles estão indevidamente vinculados.

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 467-468),

a técnica de ruptura de ligação consiste, pois, em afirmar que são indevidamente associados elementos que deveriam ficar separados e independentes. Em contrapartida, a dissociação pressupõe a unidade primitiva dos elementos confundidos no seio de uma mesma concepção, designados por uma mesma noção. A dissociação das noções determina um remanejamento mais ou

menos profundo dos dados conceituais que servem de fundamento para a argumentação. Já não se trata, nesse caso, de cortar os fios que amarram elementos isolados, mas de modificar a própria estrutura destes. À primeira vista, a diferença entre ruptura de ligação e dissociação das noções é profunda e imediatamente discernível, mas, na realidade, também essa distinção, como as outras oposições ditas de natureza, pode ser muito controversa. Conforme as ligações entre elementos forem consideradas "naturais" ou "artificiais", "essenciais" ou "acidentais", um verã uma dissociação das noções naquilo que, para outro, não passa de uma ruptura de ligação.

Na figura a seguir, podemos observar uma sistematização dessa divisão das técnicas argumentativas propostas por Perelman e Olbrechts-Tyteca nas quais a dissociação de

noções aparece como subdivisão da técnica de dissociação.

### **Análise da dissociação de noções em três textos sobre educação pública**

Selecionamos três textos que versam sobre a reestruturação que seria efetivada, no Estado de São Paulo, a partir do início do ano letivo de 2016, quando se pretendia separar as escolas por ciclos, entre anos iniciais e finais do ensino fundamental e do médio.

Esse assunto tornou-se um grande dilema no Estado de São Paulo, pois tanto representantes do governo como especialistas em educação, professores da rede pública estadual, pais e alunos escolheram necessariamente criticar um ponto particular, singular da questão, desconsiderando os possíveis argumentos contrários que estariam em contradição com a ideologia, os interesses pessoais ou os valores que escolheram.

Por esse motivo, um tema tão importante para a evolução da sociedade paulista apresentava este dilema: a reestruturação a ser efetivada, no Estado de São Paulo, a partir do início do ano letivo de 2016, quando se pretendia separar as escolas por ciclos, entre anos iniciais e finais do ensino fundamental e do médio, melhoraria o ensino público ou os argumentos dos que eram contrários a essa medida é que seriam os responsáveis por essa melhora no ensino público?

Para responder isso, há que se considerarem os múltiplos argumentos relacionados com a qualidade do ensino: a capacitação dos docentes, o custo de manutenção das escolas, a distância de deslocamento dos alu-

nos de sua residência até a escola, a avaliação do ensino público em relação ao ensino particular, o estatuto de cotas para o ensino superior, a demissão de professores temporários, a superlotação da sala de aula, o fechamento de algumas escolas que possuem avaliação acima da média ou que já têm ciclo único, as vantagens para o ensino em escolas que possuem ciclo único, a grande redução do somatório de alunos que frequentam a rede pública de ensino estadual nos últimos 20 anos, a disponibilização da estrutura física das escolas desativadas para outra atividade ligada à educação ainda não especificada, a mudança de amizades dos discentes, o preenchimento do horário da jornada de trabalho nas novas escolas pelos professores, a redução do número de aulas, a necessidade dos professores terem de lecionar em várias unidades para permanecer com salário igual, a falta de comunicação entre os principais atores da comunidade educacional, a alteração proposta pelo governo sem aviso prévio, a importância da integração entre alunos de diferentes idades, o desequilíbrio na distribuição dos alunos entre as escolas, a ampliação do ensino noturno, a alfabetização de adultos, a Educação de Jovens e Adultos (EJA), a falta de transparência da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, a redução da arrecadação de ICMS, o tempo para aposentadoria dos professores estaduais, a utilização dos meios pedagógicos, a disputa política entre PT e PSDB.

Nesse sentido, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 50) discorrem sobre a seleção de dados e sobre a presença de argumentos, pois, para cada auditório, existe um conjunto de pautas admitidas que tem a possibilidade de influenciar as reações desse auditório. Portanto, as escolhas do orador devem

ser minuciosas e devem atuar na sensibilidade dos ouvintes.

Os oradores, na construção da estrutura argumentativa, podem, predominantemente, utilizar procedimentos argumentativos relacionados com a ligação ou com a dissociação de ideias.

Com a finalidade de persuadir seu auditório, a respeito dessa problemática sobre a alteração pretendida pelo governo estadual paulista, nos textos do *corpus* desta pesquisa, oradores preferiram a utilização das técnicas de dissociação.

Isso se justifica, pois a dissociação das noções determina um remanejamento mais ou menos profundo dos dados conceituais que servem de fundamento para a argumentação sobre a problemática da educação pública. Assim, a dissociação exprime uma visão do mundo, estabelece hierarquias cujos critérios ela se esforça por fornecer.

A seguir, por meio das referências abaixo, os textos do *corpus* são analisados, sob a perspectiva do par dissociativo aparência-realidade:

- a) Anexo A – Dirigente da educação explica o projeto e diz que escolas serão desocupadas até 2016;
- b) Anexo B - Fechamento de escolas em SP: "vão tirar o pouco que temos";
- c) Anexo C - Fechamento de escolas em São Paulo divide especialistas.

No anexo A, têm-se estes argumentos:

a) Professor Sandoval Cavalcante, dirigente regional de ensino - a reorganização visa, antes de qualquer coisa, a melhorar a qualidade de ensino no Estado de São Paulo e não representa uma ameaça aos alunos, professores e gestores (linha 5 a 9); a proposta do projeto é organizar os alunos (linha 10-11); com o tempo, cada segmento terá escolas exclusivas (linha 13-14); nenhum aluno será levado para mais de 1,5 km da escola que estuda hoje (linha 17-18); a reorganização vem para colaborar com a aprendizagem e não tem interesse em prejudicar nem os alunos, nem a comunidade escolar (linha 18-21); pesquisa da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade) revelou que as escolas de ciclo único que já existem em São Paulo têm rendimento 10% maior que aquelas com segmentos distintos (linha 25-26); houve grande redução no número de alunos (27-28); as escolas serão fechadas e que o anúncio será feito em 14 de novembro (linha 30-32); todos os prédios que forem eventualmente disponibilizados continuarão sendo utilizados na área de educação (linha 34-36); o projeto valerá já no primeiro dia do ano letivo de 2016 (linha 37); os alunos da rede estadual devem procurar as suas escolas ou entrar no *site* [www.educacao.sp.gov.br](http://www.educacao.sp.gov.br) para fazer o cadastramento (linha 39-41).

b) Defensoria Pública - enviou à Secretaria Estadual de Educação um ofício que pede explicações sobre o plano de reorganização das escolas (linha 43-45); pedido motivado por alunos, pais e educadores preocupados com possíveis prejuízos e com os problemas que a mudança possa causar (linha 46-48); quer descobrir se estudantes, professores e responsáveis foram questionados antes da elaboração do programa e se foram

previamente informados do impacto desse novo projeto (linha 49-51); questiona se o fechamento de escolas pode provocar um aumento de alunos por sala e se está ligado com um possível futuro corte de verbas estaduais (linha 51-53).

No discurso do representante do governo, os argumentos escolhidos para persuadir o auditório indicam que o governo realizou estudos técnicos e que seu objetivo não é prejudicar os alunos, enquanto que, no discurso da Defensoria Pública, o discurso questiona sobre a metodologia adotada pelo governo no que se refere à participação da comunidade nas decisões sobre essa mudança e sobre a superlotação das salas de aula.

Nesse sentido, ambos os oradores dissociam as ideias argumentativas da real discussão, a melhoria da qualidade de ensino, mesmo que cada um apresente argumentos aparentemente relacionados com esse objetivo, mas que manifestam sua visão de mundo sobre essa problemática. Como as aparências podem opor-se, essa argumentação com argumentos distintos é totalmente previsível quando se utiliza a técnica argumentativa da dissociação de noções.

No anexo B, extraem-se os seguintes argumentos:

a) estudante - lamenta os prejuízos que poderão ser causados pela mudança (linha 1-2); teve, inclusive, oportunidade de estudar em escola particular, mas preferiu permanecer na atual (linha 14-15);

b) responsável por aluno - estou muito triste, porque estamos em um país em que não se tem ensino, não se tem nada, e

agora vão tirar o pouco que temos (linha 9-11); escola a ser fechada oferecia bom ensino e é bem localizada (linha 12-13); é um absurdo, um país que está precisando de escola, de cultura, e vão fechar escola? (linha 20-21); a outra escola mais próxima fica a pelo menos 2 quilômetros da que será fechada. É muito longe, tem o problema da condução, da mudança de amizades. Tem aquele núcleo que se perde (linha 22-24);

c) professores - muitos docentes temem não conseguir preencher o horário da jornada de trabalho nas novas escolas. Com a redução do número de aulas, alguns professores poderão ter de lecionar em várias unidades para permanecer com salário igual (linha 28-30); esse prejuízo, ou desgoverno, veio da noite para o dia, sem aviso prévio (linha 32-34); cerca de 20 mil professores reuniram-se na Avenida Paulista para protestar contra a reorganização escolar (linha 47-48);

d) Sindicato dos Professores - o governo não poderá demitir professores efetivos, mas reduzirá custos diminuindo a jornada de trabalho (linha 36-39); a superlotação nas salas de aula (linha 43-44); é contra a separação dos ciclos (anos iniciais e finais dos ensinos fundamental e médio) por acreditar na importância da integração entre alunos de diferentes idades (linha 44-46);

e) Secretário Estadual da Educação, Herman Voorwald - as mudanças são motivadas pela queda de matrículas de novos alunos entre 1998 e 2014, de 6 milhões para 3,8 milhões de estudantes (linha 49-51); um estudo mostrou que os alunos têm melhor

desempenho nas unidades de ciclo único (linha 52-53);

f) Secretaria da Educação - criação de 754 unidades atendendo a apenas um ciclo de ensino e focadas em apenas uma faixa etária (linha 55-56); 94 escolas estaduais de São Paulo serão fechadas e destinadas a outras atividades educacionais (linha 57-58); a reorganização é um processo contínuo e duradouro, realizado com responsabilidade e transparência (linha 58-60).

No texto do anexo B, há seis oradores que tentam persuadir seu auditório em relação à sua visão de mundo e às perspectivas de resolução do problema. Aqui, fica ainda mais nítida a técnica da dissociação de noções, pois, embora haja seis oradores, têm-se dois grandes polos de discussão em que cada um desses grupos enfoca aspecto muito diferente do outro, conforme sua leitura do auditório.

Dessa forma, de um lado, estão estudantes, responsáveis pelos alunos, professores e o Sindicato de Professores e, de outro, o Secretário Estadual da Educação e a Secretaria Estadual de Educação. O discurso do primeiro grupo no intuito de persuadir seu auditório trata, de forma genérica, dos “prejuízos” que a medida infligirá; de tirar-se o pouco que resta; de que uma determinada escola que será fechada oferece bom ensino é também bem localizada e de que a outra escola é longe e há problema de condução e de mudança nas amizades, de problemas relacionados à demissão e ao salário dos professores e à superlotação das salas de aulas; de ser contra a separação de ciclos proposta. Contrariamente, os dois representantes do Estado apresentam como argumentos a que-

da do número de matrículas de alunos; o estudo realizado por órgão especializado de que alunos que estudam em escolas que têm apenas um ciclo de ensino apresentam aproveitamento 10% superior; a criação de 754 unidades atendendo a um ciclo; o fechamento de 94 escolas; a característica desse processo de reestruturação do ensino ser contínuo e duradouro e ser realizado com responsabilidade e transparência.

Outrossim, embora aparentemente cada um dos oradores conectem seus argumentos ao objetivo de melhorar o ensino de forma real, na realidade, isso não é realizado, pois todos manifestam apenas os aspectos mais importantes para eles mesmos os quais representam aspecto muito pouco relevante para a descrição dos argumentos realmente essenciais para se discutir a problemática do ensino público.

No anexo C, têm-se os seguintes argumentos:

a) Presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) - já foi Secretária de Educação do Estado de São Paulo – fechamento das escolas é uma necessidade (linha 1); existe desequilíbrio na distribuição dos alunos: há escolas lotadas e outras mais vazias, é importante reequilibrar essa distribuição (linha 6-7); ela vem acoplada a algo muito importante, que é o projeto pedagógico específico (linha 8);

b) Coordenador da Campanha Nacional pelo Direito à Educação - há necessidade de aumentar o número de matrículas (linha 15); as escolas poderiam ser usadas para ofertar, por exemplo, um bom ensino noturno ou a Educação de Jovens e Adultos



(EJA), nos períodos em que não estão sendo utilizadas, sem precisarem ser fechadas (linha 16-18); há escolas tradicionais, boa parte tem boa localização (linha 19); o que estimulou o fechamento foi que [o governo] decidiu encontrar uma forma de economizar recursos da educação, em detrimento da educação (linha 21-23); medida semelhante, com a separação de alunos do estado conforme a etapa de ensino, ocorreu na década de 90, foi traumático para os alunos (linha 26); agora que a rede estadual estava começando a se recuperar, vem essa reforma (linha 27);

c) jornalista e doutor em ciência política Leonardo Sakamoto - faltou diálogo com a população (linha 29-30); ninguém, em sã consciência, é contra a reorganização, quando beneficia a educação, mas isso não pode ser feito de cima para baixo (linha 32-34); entre as escolas que estão sendo fechadas, há unidades com desempenho acima da média do estado (linha 35-36); não só o estado, mas o Brasil todo opera com uma quantidade de alunos maior que deveria em sala de aula (linha 36-38); a Secretaria não deveria fazer isso, ainda mais neste momento em que alunos e gestores estão reclamando. Deveria parar para discutir a questão (linha 38-40); a população, em geral, também deveria se informar sobre a questão e se mobilizar, todos dizem que precisamos melhorar a educação, mas, quando é para discutir os rumos do ensino, as pessoas preferem dizer que os manifestantes estão atrapalhando o trânsito (linha 42-44).

No anexo C, há três oradores e dois discursos muito diferentes que, como nos outros dois textos, na aparência, tratam desse tema polêmico, mas, na realidade, apenas tentam persuadir seu auditório com a utiliza-

ção de argumentos muito pouco relevantes na discussão sobre o ensino público no Estado de São Paulo. De um lado, um representante de alto nível de um órgão de educação federal e, de outro, um jornalista especializado e um representante de uma associação de instituições de ensino apresentam argumentos dissertativos favoráveis e desfavoráveis com relação a essa reorganização de ciclos escolares.

Em favor da ação estatal, indicamos, sem detalhamento, estes três argumentos: que o fechamento das escolas é fundamental, que é necessário reequilibrar a distribuição dos alunos entre as escolas e que há um projeto pedagógico real. Sem contrargumentar, de forma objetiva, apresentando as desvantagens que a reforma determinará, o discurso contra a medida governamental apresenta, aparentemente, como solução para esse problema, a criação de número de vagas nas escolas estaduais, o incremento do ensino noturno, o não fechamento de escolas tradicionais e bem localizadas, o fracasso desse mesmo sistema nos anos 90, o verdadeiro motivo de o governo realizar essa reestruturação (economia financeira), a falta de diálogo com a população, a forma de se realizar a mudança (de cima para baixo), o fechamento de escolas boas e a reclamação de alunos e de gestores.

Desse modo, a apenas aparente discussão de prós e contras da medida estatal é facilmente exposta, pois nenhum aspecto do problema real (má qualidade do ensino público) é apresentado, mas apenas são descritos efeitos óbvios de fechamento de escolas (fechar escolas) e são encaminhadas sugestões de novos usos das instalações públicas, sem qualquer estudo técnico de viabilidade.

Cada um dos atores procurou apresentar argumentos que julgavam mais específicos às suas próprias dificuldades, aos seus propósitos individuais e que eram distintos do núcleo do problema em questão o que é peculiar quando se expõem ideias para se posicionar sobre um dilema. Assim, a técnica de dissociação de noções caracteriza-se nesses discursos, pois os aspectos discutidos do problema real, se agrupados, não representam o real problema discutido (má qualidade do ensino público).

### Conclusão

Chaïm Perelman, no Tratado da argumentação, define auditório como "o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação" (2005, p. 22). Dessa forma, a eficácia de um argumento é sempre relativa ao auditório.

Perelman classifica o auditório em três tipos: o universal, o particular e a própria pessoa. A sua concepção de auditório universal só existe em tese, ou seja, é ideal, pois compreende todos os homens da Terra e pressupõe a existência de uma proposição que seja aceita por toda a humanidade.

No caso do auditório particular, cabe ao orador identificar as crenças e os juízos de valor comuns a um determinado grupo no instante de escolher os argumentos mais adequados para se obter a adesão.

Nesse sentido, uma das possíveis estratégias argumentativas é a utilização da dissociação a fim de conseguir a adesão a seu discurso de seu auditório.

No *corpus* analisado sobre o dilema de adotar-se ou não o ciclo único nas escolas públicas estaduais, observa-se que o discurso de todos os envolvidos está desvinculado da realidade de melhorar efetivamente a qualidade do ensino fornecido ao educando, pois apenas, aparentemente, os argumentos discutidos relacionam-se à discussão essencial e mais profunda sobre a educação e as vantagens e as desvantagens pedagógicas dessa medida. Assim, qualquer um dos dois termos desse dilema não conduz à melhora da qualidade do ensino público paulista.

O governo apresenta apenas fatores parciais sobre a necessidade da medida, omitindo-se em atribuir a aspectos administrativos e financeiros uma importância mais relevante, embora a discussão desses dois aspectos seja totalmente pertinente ao administrador público. Dessa forma, aparentemente, trata da causa principal da reestruturação a ser efetivada, no Estado de São Paulo, a partir do início do ano letivo de 2016, quando se pretende separar as escolas por ciclos, entre anos iniciais e finais do ensino fundamental e do médio, pois dissocia os principais aspectos de discussão ao problema real.

A sociedade cidadã (grupo de opositores à medida estatal) realiza objeções, aparentemente relacionadas à discussão mais profunda do tema (melhora na qualidade do ensino público), mas que se verificam como sendo aspectos muito particulares a que essa medida afetará sua vida e não o processo de ensino-aprendizagem que deveria ser o real objeto de foco das argumentações. Assim, as objeções dissociam-se do problema real.

Enquanto as aparências podem opor-se, o real é coerente: sua elaboração terá co-

mo efeito dissociar, entre as aparências, as que são enganosas das que correspondem ao real. Assim vê-se que, nesses discursos sobre ensino público, a aparência confundiu-se com o objeto, induzindo o auditório menos esclarecido ao erro a seu respeito. Dessa forma, é necessário separar o real da aparência.

Assim, a técnica argumentativa da dissociação de noções foi muito eficiente e eficaz quando foi utilizada no desenvolvimento deste tema polêmico, a fim de persuadir cada auditório, como analisado neste trabalho.

## Referências

CHAVES, Laís. **Entenda a reorganização da rede estadual**. Disponível em: <<http://bit.ly/2ASzZJT>>. Acesso em: 31 out. 2015.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3 ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. Disponível em: <<http://bit.ly/2AbD6jB>>. Acesso em: 30 out. 2015.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado de argumentação**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

TERRA. Fechamento de escolas em SP: "vão tirar o pouco que temos". Disponível em: <<http://bit.ly/2j5P0kf>>. Acesso em: 30 out. 2015a.

\_\_\_\_\_. Fechamento de escolas em São Paulo divide especialistas. Disponível em: <<http://bit.ly/2zSIW6K>>. Acesso em: 31 out. 2015b.

---

## **ANEXO A – Dirigente da educação explica o projeto e diz que escolas serão desocupadas até 2016**

1 O processo de reorganização da rede estadual de ensino vem gerando um de-  
2 bate intenso na esfera pública, envolvendo pais, alunos, educadores e especia-  
3 listas. Mas, afinal, o que é a reorganização do ensino? Quais mudanças ela  
4 trará para as escolas públicas do Estado de São Paulo?

5 A Universia Brasil conversou com o professor Sandoval Cavalcante, dirigente  
6 regional de ensino, para esclarecer os objetivos da reestruturação e seus im-  
7 pactos na comunidade escolar. Segundo ele, a reorganização visa, antes de  
8 qualquer coisa, melhorar a qualidade de ensino no estado de São Paulo e não  
9 representa uma ameaça aos alunos, professores e gestores.

10 Cavalcante disse que, no primeiro momento, a proposta do projeto é organizar  
11 os alunos do primeiro ao quinto ao ano - o chamado ciclo 1 - em escolas espe-  
12 cíficas e manter juntos os estudantes do ensino fundamental e médio - ciclos 2  
13 e 3, respectivamente - em outros colégios. Com o tempo, cada segmento terá  
14 escolas exclusivas.

15 Quando questionado sobre a necessidade de deslocar os alunos para colégios  
16 diferentes dos quais estudam, o professor afirmou que não há motivo para se  
17 preocupar. “É fundamental entender que nenhum aluno será levado para mais  
18 de 1,5 km da escola que estuda hoje. Os pais, professores e funcionários pre-  
19 cisam ter a percepção de que a reorganização vem para colaborar com a  
20 aprendizagem e não tem interesse em prejudicar nem os alunos, nem a comu-  
21 nidade escolar, garante Cavalcante.

22 O dirigente contou à reportagem que a mudança começou por conta de uma  
23 pesquisa da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), enco-  
24 mendada pela Secretaria Estadual da Educação do Estado. Segundo Caval-  
25 cante, o estudo revelou que as escolas de ciclo único que já existem em São  
26 Paulo têm rendimento 10% maior que aquelas com segmentos distintos.

27 A pesquisa também concluiu que, “nos últimos 20 anos, o número de alunos da  
28 rede pública estadual diminuiu de, aproximadamente, 6 milhões para 4 mi-  
29 lhões”. Por esse motivo, a desativação de unidades escolares também está  
30 prevista na reestruturação. O dirigente afirmou que escolas serão, sim, fecha-  
31 das e que o anúncio será feito no dia 14 de novembro, batizado de Dia E, ou  
32 dia da educação, pela secretaria.

33 Os espaços desocupados após a reorganização “serão reutilizados por creches  
34 em convênio com a prefeitura, ETECs e escolas de ensino integral”. “Portanto,  
35 todos os prédios que forem eventualmente disponibilizados continuarão sendo  
36 utilizados na área de educação”, explica o dirigente.

37 O projeto vai começar a valer já no primeiro dia do ano letivo de 2016. Por isso,  
38 a secretaria iniciou uma campanha de recadastramento de dados, que irá agili-  
39 zar o processo de mudança de escola. “Todos os alunos da rede estadual de-  
40 vem procurar as suas escolas ou entrar no site [www.educacao.sp.gov.br](http://www.educacao.sp.gov.br) para  
41 fazer o recadastramento”.

#### 42 **Investigação da Defensoria Pública**

43 Na última sexta-feira (9), a Defensoria Pública de São Paulo enviou à Secreta-  
44 ria Estadual de Educação um ofício que pede explicações sobre o plano de  
45 reorganização das escolas.

46 O pedido foi encaminhado após o Núcleo Especializado de Infância e Juventu-  
47 de ter sido procurado por alunos, pais e educadores preocupados com possí-  
48 veis prejuízos e problemas que a mudança possa causar.

49 A Defensoria Pública quer descobrir se estudantes, professores e responsáveis  
50 foram questionados antes da elaboração do programa e se foram previamente  
51 informados do impacto desse novo projeto. Além disso, a Defensoria questiona  
52 se o fechamento de escolas pode provocar um aumento de alunos por sala e  
53 se está ligado com um possível futuro corte de verbas estaduais.

Fonte: CHAVES (2015).

---

## **ANEXO B - Fechamento de escolas em SP: "vão tirar o pouco que temos"**

1 Estudantes que terão as escolas fechadas para a reorganização do ensino na  
2 rede estadual de São Paulo lamentam os prejuízos que poderão ser causados  
3 pela mudança. O fechamento de 94 escolas (25 na capital paulista), anunciado  
4 pelo governo estadual, afetará 311 mil alunos. O objetivo é separar as escolas  
5 por ciclos, entre anos iniciais e finais do ensino fundamental e do médio.

6 Escola Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque e Melo, no Alto de Pinhei-  
7 ros, zona oeste da cidade, está entre as que serão fechadas. A corretora de  
8 imóveis Tânia Bueno chorou ao falar sobre os problemas que a reorganização  
9 ocasionará na vida da filha Vitória, aluna da escola. “Estou muito triste, porque  
10 estamos em um país em que não se tem ensino, não se tem nada, e agora vão  
11 tirar o pouco que temos. Não dá para acreditar, minha filha ficou muito chatea-  
12 da”, afirmou a corretora. Tânia disse que a escola a ser fechada oferecia bom  
13 ensino e é bem localizada. Ela destacou que a filha teve, inclusive, oportuni-  
14 dade de estudar em escola particular, mas preferiu permanecer na atual.

15 O advogado Evandro José de Lima, de 94 anos, tem duas netas que estudam  
16 na mesma escola. Elas moram em um condomínio onde vivem 3 mil pessoas, a  
17 cerca de 50 metros da unidade de ensino. No condomínio, há muitas outras  
18 crianças matriculadas na Escola Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque  
19 e Melo. “É um absurdo, um país que está precisando de escola, de cultura, e  
20 vão fechar escola?”, reclamou. Lima calcula que a outra escola mais próxima  
21 fica a pelo menos 2 quilômetros da que será fechada. “É muito longe, tem o  
22 problema da condução, da mudança de amizades. Tem aquele núcleo que se  
23 perde”, lamentou o advogado.

24 Prejuízo para professores A Escola Estadual Miss Browne, na região de Perdi-  
25 zes, também fechará. Segundo a professora Helena Teixeira, que leciona lín-  
26 gua portuguesa há 17 anos nessa unidade, muitos docentes temem não con-  
27 seguir preencher o horário da jornada de trabalho nas novas escolas. Com a

28 redução do número de aulas, alguns professores poderão ter de lecionar em  
29 várias unidades para permanecer com salário igual.

30 “Vai ter superlotação das salas. Fizeram essa bagunça para melhorar a quali-  
31 dade de ensino, mas não é nada mais que uma falácia. Tudo isso veio de cima  
32 para baixo, da noite para o dia, sem consulta ao corpo docente, à comunidade  
33 e aos alunos. Esse prejuízo, ou desgoverno, veio da noite para o dia, sem avi-  
34 so prévio”, reclamou a professora.

35 A presidenta do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São  
36 Paulo (Apeoesp), Maria Izabel Azevedo Noronha, disse que o governo não po-  
37 derá demitir professores efetivos, mas reduzirá custos diminuindo a jornada de  
38 trabalho. Em média, um professor com jornada de 40 horas semanais recebe  
39 R\$ 2,4 mil por mês, valor que poderá cair par R\$ 1,8 mil em caso de cortes na  
40 jornada, afirmou Maria Izabel. “Agora, pergunto: um professor consegue viver  
41 com um salário desses?”

42 Para Izabel, o maior impacto para os alunos será a superlotação nas salas de  
43 aula. A sindicalista disse que é contra a separação dos ciclos (anos iniciais e  
44 finais dos ensinos fundamental e médio) por acreditar na importância da inte-  
45 gração entre alunos de diferentes idades.

46 Ontem (29), cerca de 20 mil professores se reuniram na Avenida Paulista para  
47 protestar contra a reorganização escolar.

48 Outro lado Segundo o Secretário Estadual da Educação, Herman Voorwald, as  
49 mudanças são motivadas pela queda de matrículas de novos alunos. Houve  
50 redução, entre 1998 e 2014, de 6 milhões para 3,8 milhões de estudantes.  
51 Além disso, um estudo mostrou que os alunos têm melhor desempenho nas  
52 unidades de ciclo único, disse ele.

53 Em nota, a Secretaria da Educação informa que consolidou o estudo de reor-  
54 ganização de sua rede de escolas, que prevê a criação de 754 unidades aten-  
55 dendo a apenas um ciclo de ensino e focadas em apenas uma faixa etária.

---

56 Com isso, 94 escolas estaduais de São Paulo serão fechadas e destinadas a  
57 outras atividades educacionais. “Cabe destacar que a reorganização é um pro-  
58 cesso contínuo e duradouro, realizado com responsabilidade e transparência”,  
59 diz a nota.

Fonte: TERRA (2015a).



## **ANEXO C - Fechamento de escolas em São Paulo divide especialistas**

1 Há uma necessidade. "Em 1995, São Paulo tinha quase 7 milhões de alunos e 5,4  
2 mil escolas. Hoje tem menos de 4 milhões de alunos e 5,4 mil escolas", ressalta Ma-  
3 ria Helena, que já foi Secretária de Educação do Estado de São Paulo e é Presiden-  
4 ta do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

5 Para Maria Helena, existe desequilíbrio na distribuição dos alunos: há escolas lota-  
6 das e outras mais vazias. "É importante reequilibrar essa distribuição. E ela vem  
7 acoplada a algo muito importante, que é o projeto pedagógico específico. Nenhum  
8 país mistura crianças dos anos iniciais com as de outros níveis". Ela defende ainda a  
9 realização de reformas periódicas para adequar a oferta à população.

### **10 Deu errado no passado**

11 Contra a medida, o coordenador da Campanha Nacional pelo Direito à Educação,  
12 rede que reúne mais de 200 organizações, Daniel Cara, diz que ainda há necessi-  
13 dade de aumentar o número de matrículas e que as escolas poderiam ser usadas  
14 para ofertar, por exemplo, um bom ensino noturno ou a Educação de Jovens e Adul-  
15 tos (EJA), nos períodos em que não estão sendo utilizadas, sem precisarem ser fe-  
16 chadas.

17 "Há escolas tradicionais, boa parte tem boa localização, e isso facilitaria que profis-  
18 sionais que não concluíram os estudos na infância ou adolescência pudessem voltar  
19 a estudar pelo EJA", afirma Daniel Cara. "O que estimulou o fechamento foi que [o  
20 governo] decidiu encontrar uma forma de economizar recursos da educação, em  
21 detrimento da educação."

22 Cara lembra que medida semelhante, com a separação de alunos do estado con-  
23 forme a etapa de ensino, ocorreu na década de 90, com a então secretária de Edu-  
24 cação, Rose Neubauer. "Foi traumático para os alunos. Agora que a rede estadual  
25 estava começando a se recuperar, vem essa reforma."

### **26 Sem diálogo**

27 Na opinião do jornalista e doutor em ciência política Leonardo Sakamoto, faltou diá-  
28 logo com a população. "O governo do estado deveria ter feito uma discussão mais  
29 aprofundada com a sociedade em torno de cada escola antes de proceder ao fe-  
30 chamento e reorganização. Ninguém, em sã consciência, é contra a reorganização,  
31 quando beneficia a educação, mas isso não pode ser feito de cima para baixo."

32 Sakamoto ressalta que, entre as escolas que estão sendo fechadas, há unidades  
33 com desempenho acima da média do estado. "Não só o estado, mas o Brasil todo  
34 opera com uma quantidade de alunos maior que deveria em sala de aula. Seria a  
35 oportunidade de trabalhar com menos alunos", sugere. "A secretaria não deveria  
36 fazer isso, ainda mais neste momento em que alunos e gestores estão reclamando.  
37 Deveria parar para discutir a questão."

38 Para Sakamoto, a população, em geral, também deveria se informar sobre a questão  
39 e se mobilizar. "Todos dizem que precisamos melhorar a educação, mas, quando é  
40 para discutir os rumos do ensino, as pessoas preferem dizer que os manifestantes  
41 estão atrapalhando o trânsito."

Fonte: TERRA (2015b).